

Sociogênese do fazendeiro do ar: dilaceramento interior e incorporação de um *habitus* literário

João Ivo Duarte Guimarães

Resumo

O presente artigo se debruça sobre a socialização familiar, escolar e profissional de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), com o intuito de trazer à luz as conexões entre as disposições adquiridas na travessia desses quadros de socialização e a modulação da dicção poética e do projeto autoral desse que é considerado, pela história e crítica literária, o maior poeta modernista brasileiro.

Palavras-chave: modernismo mineiro; experiências de socialização; *habitus* literário.

I. Introdução

O presente artigo se debruça sobre a socialização familiar, escolar e profissional de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), com o intuito de trazer à luz as conexões entre as disposições adquiridas na travessia desses quadros de socialização e a modulação da dicção poética e do projeto autoral desse que é considerado, pela história e crítica literária, o maior poeta modernista brasileiro¹.

Ainda que escrever sobre Drummond funcione como uma espécie de rito de passagem da crítica literária, haja vista a imensa bibliografia dedicada ao escritor, a recepção crítica tende a desconsiderar os condicionantes

1 O presente artigo retoma e aprofunda alguns temas de minha tese de doutorado em sociologia sobre o grupo modernista mineiro (GUIMARAES, 2018), sobretudo o terceiro capítulo, em que me debrucei sobre a trajetória de Drummond.



Direito autoral e licença de uso: Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

sociais e os constrangimentos externos, as injunções enfrentadas, acionando o biográfico sem nenhuma forma de controle, na maior parte dos casos repisando as pistas deixadas pelo próprio autor ao longo de sua obra.

Buscando sanar essa lacuna, o presente artigo desenvolve uma análise sociológica da trajetória social de Drummond com o intuito de trazer à luz os liames entre biografia e bibliografia, entre o autor de carne e osso e sua versão impressa. O mergulho nas experiências de socialização familiares, escolares e profissionais conduz a uma reflexão acerca dos efeitos dos esquemas mentais e comportamentais incorporados nesses espaços na criação de uma dicção autoral e nos posicionamentos literários de Drummond. Trata-se, portanto, de investigar o peso das experiências familiares e escolares na constituição de um *habitus* literário.

A única biografia disponível sobre Drummond ilumina episódios cruciais de sua trajetória, mas tropeça nas “pedras do caminho” deixadas pela “ilusão biográfica”, reproduzindo e reforçando a tendência de narrar sua vida como se fosse um percurso orientado para o pleno desenvolvimento de uma intenção originária, de um projeto criador, de uma vocação de escritor manifestada precocemente e que busca afirmar-se e consolidar-se no desenrolar de sua existência. As situações passadas são encaradas como sinais ou etapas necessárias ao desenvolvimento de um destino social inevitável, contra o qual não adiantava lutar.

Essa propensão a justificar e a dotar a vida de coerência encontra-se disseminada tanto nos testemunhos autobiográficos do próprio autor, que se investe da missão de ser o “ideólogo de sua própria vida” (GUIMARAES, 2018)², quanto na interpretação de seu biógrafo “[...] para quem tudo, a

2 Entre os numerosos testemunhos autobiográficos deixados pelo escritor, eis um excerto de um dos mais citados: “Convidado pela *Revista Acadêmica* a escrever minha autobiografia, relutei a princípio, por me parecer que esse trabalho seria antes de tudo manifestação de impudor. Refleti, logo, porém, que, sendo inevitável a biografia, era preferível que eu próprio a fizesse, e não outro. Primeiro, pela autoridade natural que me advém de ter vivido a minha vida. Segundo, porque, praticando aparentemente um ato de vaidade, no fundo castigo o meu orgulho, contando sem ênfase os pobres e miúdos acontecimentos que assinalam a minha passagem pelo mundo, e evitando assim qualquer adjetivo ou palavra generosa, com que o redator da revista quisesse, sincero ou não, gratificar-me” (ANDRADE, 2011a, p. 67).

começar por suas disposições de profissional da interpretação, leva a aceitar essa criação artificial de sentido” (BOURDIEU, 2011, p. 74-82)³.

Ao invés de embarcar nessa empreitada que consiste em “[...] compreender uma vida como uma série única e, por si só, suficiente, de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vinculação a um ‘sujeito’ cuja única constância é a do nome próprio” (BOURDIEU, 2011, p. 81), esforço-me a reconstruir a *trajetória* de Drummond, entendida como as sucessivas *posições* por ele ocupadas nas instâncias de socialização já mencionadas.

A aposta envolve uma dupla tarefa: de um lado, reconstruir o processo de fabricação social das disposições constitutivas de seu *habitus* literário; do outro, estabelecer as correspondências entre essas disposições e as posições por ele ocupadas ao longo de sua trajetória social, sem descuidar do fato de que essas posições não são a mera expressão mecânica daquelas disposições, uma vez que a hesitação e o improvisado estão sempre presentes no momento de ajuste entre posições e disposições, e considerando ainda que, no caso em questão, as forças sociais que modelam sua subjetividade entram amiúde em choque, em grau maior ou menor, com as lógicas de reprodução das estruturas objetivas. Não se trata, todavia, de buscar uma correspondência anedótica entre os eventos e personagens que assinalaram sua passagem pelo mundo social que lhe coube viver e aqueles que habitam sua obra literária. A proposta a ser perseguida é a de trazer à luz as situações vivenciadas nos quadros de socialização em destaque, encarando-as como estando na raiz das inquietações estéticas e existenciais que estruturam a sua obra⁴.

Para reconstruir as experiências de socialização de Drummond e investigar as conexões entre o biográfico e o bibliográfico, esse artigo mobiliza, além da única biografia disponível, testemunhos autobiográficos, textos memorialísticos do próprio autor e de seus companheiros de geração, a correspondência mantida com amigos e familiares, os estudos de historiadores e sociólogos sobre o modernismo mineiro e as análises da crítica literária.

3 As citações entre aspas são de Pierre Bourdieu e foram retiradas de seu artigo sobre a “ilusão biográfica”.

4 Sobre a relação entre biografia e sociologia e a possibilidade de desenvolver uma biografia construída a partir de um olhar sociológico, baseio-me aqui nas considerações de Pascal Durand (2008) e de Bernard Lahire (2010, 2011).

O desafio metodológico consistiu em fazer falar o material, ou seja, em organizar e articular os documentos biográficos e literários de uma maneira que contribuísse para lançar luz sobre aspectos de sua trajetória que costumam passar despercebidos. O risco envolvido nesse mergulho nas experiências vividas pelo autor era o de incorrer em anacronismos, projetando nas experiências passadas os impasses e as hesitações associados a momentos posteriores de sua trajetória do escritor, como se tais aporias já tivessem se manifestado durante sua infância e adolescência.

2. Viagem na família

Não se entende adequadamente a educação sentimental e literária de Drummond sem se levar em conta o peso das injunções familiares que ele teve de enfrentar. Entre os testemunhos autobiográficos disponíveis, o tema aparece de maneira mais evidente na carta-confissão a Alceu Amoroso Lima, datada de junho de 1931:

Minha infância não tem nada de particularmente notável, a não ser a educação, que considero má: que me deram pais católicos muito amorosos ambos, porém um rude e outro fraco. Entre a severidade de um pai e a doçura de minha mãe, eu estraguei a minha sensibilidade. Infância de recalques, sofrimentos, correntes subterrâneas. Aprendi desde cedo a viver para dentro, construindo o meu mundo porque não me adaptava ao de fora. Sentia-me fraco, ridículo, incapaz de ação. (ANDRADE, 2014, p. 101-102).

Para esclarecer as circunstâncias biográficas evocadas, é preciso recuperar os contornos gerais da infância de Drummond no interior de Minas Gerais e as propriedades sociais de sua família, e trazer à tona elementos cruciais do fantasma familiar de Drummond – a imagem que forjou do grupo familiar ao qual pertencia e a que forjou de si mesmo –, elementos decisivos para esclarecer suas disposições mentais e comportamentais, patrimônio disposicional que ajuda a entender as representações do mundo social que estiveram na raiz de suas tomadas de posição estéticas e políticas.

Como já observado por Antonio Candido (2004, p. 83), a terra natal e a família constituem temas obsessivamente trabalhados por Drummond,

E é, sem dúvida, curioso que o maior poeta social da nossa literatura contemporânea seja, ao mesmo tempo, o grande cantor da família como grupo e tradição. Isto nos leva a pensar que

talvez este ciclo [poesia da família e da terra natal] represente na sua obra um encontro entre as suas inquietudes, a pessoal e a social, pois a família pode ser explicação do indivíduo por alguma coisa que o supera e contém.

Drummond viveu a infância e parte da adolescência em Itabira, cidade do interior de Minas Gerais. Mundo rural, murado e fechado, autárquico, que se voltara para dentro, após a crise da mineração, atividade que impulsionara a vida local até as primeiras décadas do século XIX. Nesse período, a vila, surgida no século anterior na esteira da descoberta dos aluviões de ouro, foi elevada a cidade e sua vida econômica combina atividades rurais voltadas para mercados locais e regionais à exploração em pequena escala e de maneira artesanal do minério de ferro, o qual era abundante em seu subsolo.

Findo esse período, a povoação se fechou sobre si mesma, fechamento objetivo e subjetivo assegurado por uma economia praticamente autossuficiente, pouco dependente do mercado externo, e pelo isolamento geográfico, reforçado pela precariedade das estradas e dos meios de transporte – não havia estrada de ferro ligando Itabira ao resto do mundo.

A cidade que forneceu os quadros sociais da infância e parte da adolescência de Drummond ficou à margem da economia voltada para o mercado externo, desenvolvendo atividades voltadas ao atendimento das necessidades locais: assim, explora o minério de ferro em forjas artesanais para fabricar elementos que utiliza na lavoura; cultiva o algodão e funda pequenas fábricas têxteis para confeccionar os tecidos que vestem sua população; fabrica arreios com o couro dos animais de criação – tudo numa escala bem modesta (MARTINS DA COSTA, 1988, p. 16).

Foi nessa pequena cidade isolada no interior de Minas Gerais, onde as marcas do mundo patriarcal e escravocrata dos seus antepassados fazendeiros ainda estavam bem presentes no início do século XX, que Drummond forjou sua visão primeira do mundo, suas disposições mentais e comportamentais mais duradouras.

Aprendeu, desde cedo, que sua família era uma das principais da cidade, que seus antepassados paternos e maternos haviam sido os primeiros povoadores dos sertões do rio Doce, tornando-se uma das famílias mais antigas e poderosas da região metalúrgica de Minas Gerais. Os Andrade

e os Drummond, entrelaçados por casamentos sucessivos, eram, desde a Colônia, os “homens bons” de Itabira, espécie de nobreza local cujo poder assentava na posse de grandes extensões de terras e de lavras minerais e no exercício hereditário dos cargos administrativos e judiciários do município. Os Andrade e os Drummond estavam totalmente enfronhados nesse jogo político local, que combinava burocracia patrimonialista e administração litúrgica. A Câmara Municipal era presidida por um Drummond, seu pai tinha sido vereador. E foi por iniciativa de seus parentes que a cidade passou a contar com inúmeros melhoramentos, como água encanada e energia elétrica. Na verdade, entendeu também que o esplendor dos seus antepassados se encerrara no século XIX, que seu pai era um latifundiário sem dinheiro, “[...] tendo recebido como herança dos nossos avós apenas o desajuste econômico da Abolição”, como se recordaria mais tarde (? , *apud* WISNIK, 2018, p. 103).

O pai de Drummond, Carlos de Paula Andrade (1860-1931), era um daqueles fazendeiros/coronéis remediados estudados por Victor Nunes Leal em seu livro clássico, *Coronelismo, enxada e voto*:

[...] gente que tem propriedades e negócios, mas não possui disponibilidades financeiras; que tem o gado sob penhor ou a terra hipotecada; que regateia taxas e impostos, pleiteando condescendência fiscal; que corteja os bancos e demais credores, para poder prosseguir em suas atividades lucrativas. (LEAL, 2012, p. 46).

Fazendeiro, criador de mulas, ganhara a vida como tropeiro, fazendo o comércio entre a região e a próspera Zona da Mata mineira. Homem de pouca instrução, tendo abandonado o grupo escolar muito cedo, tendo aprendido as primeiras letras em casa, auxiliado pela irmã, o pai de Drummond estava sempre às voltas com problemas financeiros, preocupado em assegurar um “pé-de-meia” para cada um dos filhos. Era um homem de negócios, prático, de poucas palavras e muita ação, cujo “[...] verdadeiro escritório era o campo, o espaço, as reses na engorda para o corte, tudo presente mesmo na cidade, de que era habitante continuando fazendeiro” (ANDRADE, 2020, p. 217-219)⁵. Personificava o “espírito

5 Seção “Cartas do Velho”, de *O observador no escritório*, diário que recobre o período de 1943 a 1977.

ancestral, profundo, radicular, independente das gerações, imutável em sua permanência” (ANDRADE, 2020, p. 219).

Para compreender a relação tensa e litigiosa de Drummond com seu pai⁶, é preciso situar sua posição na linhagem familiar, tensão que se dissolveria na maturidade, quando a figura paterna seria ressemantizada, passando a servir ao poeta de referência identitária, ele que se via como “fazendeiro do ar”⁷.

Dos quatorze filhos que resultaram do casamento do fazendeiro Carlos de Paula Andrade (1860-1931) com Julieta Augusta Drummond (1869-1948) apenas seis sobreviveram, sendo Drummond o caçula entre os filhos homens. Na condição de derradeiro da prole masculina, Drummond conviveu pouco com seu pai, ao contrário dos seus outros irmãos, que recebiam as atenções paternas e eram tratados como seus sucessores naturais. Isso deve ter contribuído para que a *coleira do clã*, para usar uma expressão do próprio Drummond, prendesse com menos força o benjamim da família à terra, sentindo-se mais desgarrado das expectativas familiares de preservação da propriedade e da dignidade familiares⁸.

Na condição de “mísero caçula”⁹, Drummond conviveu pouco com seu pai, que passava a maior parte do tempo na fazenda¹⁰, com seus ir-

6 Segundo seu biógrafo, Drummond via o pai como “uma força a ser vencida, [um] princípio a ser contestado” (CANÇADO, 2012, p. 30).

7 Em 1985, numa crônica publicada no primeiro número da revista *Globo Rural*, intitulada “A Fazenda que Desapareceu do Mapa”, Drummond confessa sentir “[...] remorso de, sendo filho, neto e bisneto de fazendeiros, ter contribuído para que morresse a nossa fazenda. No momento em que chegou a minha vez de trabalho no campo, fugi da responsabilidade, alegando falta de jeito para lidar com a terra e com os animais. Cedi a minha parte e fui cuidar de nuvens, no exercício da literatura [...]. Hoje que tantos sóis já são passados, e não é mais hora de retocar a vida, sinto falta do que não tive ou perdi por debilidade minha, chego a considerar-me fazendeiro do ar, porque é no ar que diviso minha boiada, separando gado de leite e de corte [...], minhas plantações, meus perdigueiros, minhas botas, estribos, selas e rédeas de campear – os mesmos atributos que faziam o orgulho singelo de meu pai, afeiçoado geneticamente à terra e empenhado a transmiti-la aos filhos e netos, em obediência ao estatuto familiar” (apud CARVALHO, 2007, p. 99-100).

8 Sobre esse ponto, ver: Bourdieu, 2013, p. 244-265.

9 Verso de “Irmão, irmãos”, de *Boitempo: Menino antigo* (ANDRADE, 2017a, p. 158).

10 Já no livro de estreia, *Alguma poesia*, Drummond transfigura poeticamente sua relação com o pai, como se pode verificar no poema “Infância”, em que o pai é aquele que se ausenta, que montava seu cavalo e ia para “lá longe”, para o “mato sem fim da fazenda”, enquanto Drummond, “sozinho”, ficava no quintal do sobrado urbano, “menino entre mangueiras”, lendo “a história de Robinson Crusoe”, menção cifrada ao destino social do próprio poeta que encontrou na literatura sua ilha portátil (ANDRADE, 2012?, p. 55-56).

mãos mais velhos que, diferente dele, gostavam da vida no campo. O pai olhava “com espanto e tristeza” para o menino franzino, que não gostava da fazenda e preferia ficar lendo, perto da mãe e da empregada preta que o criou, mundo feminino, espiritual, cultural com o qual Drummond se sentia mais ligado.

Criado numa família às voltas com o fantasma da decadência econômica e social, filho caçula de um fazendeiro de poucas letras e de poucas palavras, que passava mais tempo na fazenda do que na cidade, a socialização familiar de Drummond foi marcada por esse gargalo na relação com o pai, barrando o processo de transmissão da herança material (os bens, a fazenda) e imaterial (estruturas mentais e comportamentais). Por ter convivido pouco com seu pai, sempre metido no mato dentro, com seus bois, suas mulas e seus negócios, Drummond foi criado pelas mulheres da casa, sua mãe e Sá Maria, sua “mãe preta”, incorporando as maneiras de ver, sentir e agir do polo feminino, que ele logo associou aos valores espirituais e culturais.

Sua mãe, Julieta Augusta (1869-1948), estudou como interna no Mosteiro de Macaúbas, misto de casa de recolhimento e colégio feminino de elite destinado a formar mães de família exemplares.

No Mosteiro de Macaúbas, entre paredes que tinham quatro palmos de espessura, a força estranha da música vocal, os trabalhos com agulha, e uma estatuária católica magnífica, vinda do Oriente, com imagens de olhos de vidro, criando um efeito de estranhamento absoluto, Julieta Augusta cumpriu o traçado clássico da educação feminina. “Língua francesa, geografia, música, coser, bordar, doutrina cristã, contas”, além de “tudo que é necessário a uma boa mãe de família”. (CANÇADO, 2012, p. 26).

Aos dezessete anos, Julieta Augusta deixou a instituição onde aprendera a ler, escrever e rezar para se casar com seu primo-irmão, Carlos de Paula Andrade, dando continuidade às estratégias endogâmicas que selavam a aliança entre os dois clãs, os Andrade e os Drummond, há várias gerações¹¹ – estratégia indispensável para impedir a fragmentação da propriedade familiar, da casa.

11 A 08 de março de 1969, Drummond registra em seu diário, sob a rubrica “Nota genealógica”, o seguinte: “Meus pais eram primos-irmãos, pelo lado Drummond. A mãe de meu pai, Rosa Amélia, era irmã do pai de minha mãe, João Antônio. Em consequência, tenho os mesmos bisavós, trisavós e tetravós paternos e maternos, pelo lado Drummond” (ANDRADE, 2017c, p. 33).

Após a morte de Carlos de Paula Andrade, em 1931, Julieta Augusta pediu ao filho que fizesse uso de sua posição e de suas relações pessoais para conseguir um apartamento privativo no Hospital São Lucas, em Belo Horizonte¹², de onde só sairia em 1948 para voltar a Itabira, onde morreria em dezembro daquele mesmo ano.

No mês de maio, Drummond sempre aparecia no *apart-hotel* do São Lucas para celebrar o aniversário de Julieta Augusta, quando pousava a cabeça no colo de sua mãe e assim ficava por longo tempo, ouvindo-a “[...] discorrer, branda, etérea, um pouco absurda, sobre as pessoas do seu tempo de Itabira, a família, o mundo e sobre as convicções morais dela” (CANÇADO, 2012, p. 236).

Confinada nesse mundo patriarcal, a mãe de Drummond, no entanto, “[...] insistia em criar, sem que a submissão ao mundo do marido deixasse de ser completa, uma forma de *plenitude limitada*”, oferecendo uma “resistência macia” ao “mundo cheio de clamor e de exaltação masculina”, “[...] definindo os padrões e pondo um pouco onde queria as suas expectativas com relação aos filhos” (CANÇADO, 2012, p. 27-28, *itálicos no original*).

Carlos Drummond de Andrade sempre se submeteu de alguma maneira a esses padrões e sempre alimentou essas expectativas. Só a minuciosa compreensão com relação a elas pode, por exemplo, explicar o fato de o próprio Drummond, numa carta de outubro de 1942 – quando ele já se encaminhava para as posições antifascistas dos anos da Segunda Guerra Mundial –, animar-se a contar à mãe que “há dias tivemos aqui [no Rio] um grande almoço de oitocentos talheres, oferecido pelos funcionários ao Dr. Getúlio, no qual tomou parte esse vosso criado”. Um mês antes, ele confessava a sua “grande preocupação com o desastre sofrido pelo presidente”. (CANÇADO, 2012, p. 28).

Drummond sempre se sentiu mais próximo do ramo materno, letrado, cidadão. Os Drummond representavam para ele o polo espiritual e cultural, ao passo que o ramo paterno, os Andrade, simbolizava a vida fazendeira, o lado prático, terra a terra, animalesco, polo da natureza e dos desejos carnis, materiais.

12 “Era quase um *apart-hotel* da época, só que com serviços médicos e religiosos, que o filho poeta e chefe de gabinete do ministro da educação conseguira para ela com o então provedor do hospital, José Maria de Alkmin” (CANÇADO, 2012, p. 236).

Aos seus olhos, seu pai fazendeiro, cuidando de suas mulas e de seus bois, encarnava “[...] o que na minha imaginação infantil, já trabalhada pela literatura, aparecia como detestavelmente antipoético. Era simples, rude, alegre, trabalhador insaciável, bom garfo, amigo de ganhar dinheiro e de instalar comodidades em casa”¹³. Sua mãe representava no romance familiar “o desvio flexível e amável” que suavizava a “rispidez da minha linha de Andrade”, como escreve na crônica “Vila de Utopia”, de *Confissões de Minas* (ANDRADE, 2011a, p. 127).

Tudo isso ajuda a explicar por que Drummond recusou a herança material paterna – seu pai, antes de liquidar com sua fase itabirana, repartiu os seus bens, cabendo ao caçula a Fazenda do Pontal, a ser dividida com seu irmão Altivo. Ainda nos anos 1920, Drummond abriu mão de sua parte, vendendo-a ao irmão¹⁴. Ele se sentia alijado do mundo masculino constituído por seu pai e seus irmãos mais velhos. Sentimento de exclusão que viria a se acentuar devido ao desfecho imprevisto de sua trajetória escolar.

3. No meio do caminho tinha um padre

Terminado o primário, cursado em Itabira, seu pai matriculou-o, em 1916, no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte, dirigido pelos padres alemães da Congregação do Verbo Divino. Drummond tinha treze anos e seria sua primeira experiência na capital mineira, cidade com pouco mais de cinquenta mil habitantes naquela quadra. No entanto, sua estadia na capital foi interrompida bruscamente, poucos meses após sua chegada, por motivo de doença, o que o faz retornar a Itabira. Seu biógrafo especula que a doença que teria obrigado Drummond a interromper seus estudos seria sífilis, e não tuberculose, conforme a justificativa apresentada pela família para retirá-lo às pressas do colégio (CANÇADO, 2012, p. 63).

13 Entrevista originalmente publicada em *A Gazeta*, em dezembro de 1941, recolhida na coletânea de entrevistas da série Encontros (ANDRADE, 2011c, p. 24).

14 Em 1926, logo após o casamento e já formado em Farmácia, Drummond e Dolores se mudaram para Itabira e moraram alguns meses na Fazenda do Pontal, que herdara do pai. A experiência durou pouco e nesse mesmo ano ele retornaria a Belo Horizonte, tendo vendido sua parte ao mano Altivo, que era coproprietário da fazenda (CANÇADO, 2012, p. 121-123).

A despeito de sua curta duração, os meses passados no Colégio Arnaldo e numa Belo Horizonte cheirando a rosas e simbolista permitiram a Drummond travar contato com colegas cujos caminhos se cruzariam com o dele alguns anos mais tarde: Gustavo Capanema, Gabriel Passos, Abgar Renault e Afonso Arinos, sobrinho.

Longe da família, vivendo em regime de semi-internato, com a possibilidade de flunar pela cidade aos domingos, a experiência permitiu-lhe sentir o gostinho de uma vida diferente da que levara no interior. Na capital, sozinho, nas saídas quinzenais aos domingos, ele podia ir ao cinema, namorar os livros expostos na vitrine da Livraria Alves, aventurar-se pelas aleias do Parque Municipal¹⁵, enfim, experimentar um mundo social mais urbano e cosmopolita, regido por valores diferentes dos de sua família.

A interrupção precoce dessa experiência, experimentada, segundo José Maria Cançado (2012, p. 62), “como se alguém tivesse *jogado a toalha* por ele”, impediu a formação dessas amizades duradouras que surgem na escola, nascidas da afinidade associada à posse da mesma cultura e dos mesmos títulos, que desempenham papel crucial na gênese de um *esprit de corps*, de uma nobreza escolar (BOURDIEU, 1989, p. 542).

Após um ano e meio de molho em Itabira, Drummond foi matriculado como interno no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo/RJ, no início de 1918. Administrado pelos jesuítas, o Anchieta era um típico colégio de elite, cujo ensino, assentado nas humanidades clássicas greco-latinas, inculcava nos estudantes uma cultura geral e um *habitus* corporativo que os habilitava a ocupar os postos mais cobiçados na burocracia estatal e nas profissões liberais (MICELI, 2009, p. 121-134).

Após o tropeço no Colégio Arnaldo, Drummond entregou-se de corpo e alma àquela nova experiência em colégio de padres, levando os estudos a sério, tirando boas notas, arrebatando prêmios e medalhas, publicando regularmente no jornal do colégio – enfim, fascinado com o novo colégio,

15 O Parque Municipal, área verde situada no centro de Belo Horizonte, “[...] é uma mistura de espaço público municipal, de parque para crianças, de pequeno zoológico, e de santuário furtivo e clandestino que exala e protege todas as nuances e inclinações da sexualidade humana” (CANÇADO, 2012, p. 62). Seu biógrafo levanta a hipótese de que o parque teria servido de cenário para as primeiras aventuras sexuais de Drummond, delas resultando a doença venérea que o teria forçado a voltar para Itabira.

colégio de elite, com sua arquitetura imponente, e que, aos seus olhos, abria possibilidades de vida e carreira fora do mundo fechado e sufocante onde fora criado.

Segundo seu biógrafo, a atitude de Drummond durante os quase dois anos de internato no Anchieta “[...] tem esse lado de aceitação quase absoluta dos valores e das normas do colégio, da cultura da instituição” (CANÇADO, 2012, p. 68). Ele chegou a cogitar a possibilidade de virar padre, de ordenar-se, conforme confessou anos depois¹⁶.

No final de 1919, Drummond, após desentender-se com um professor e ser expulso da sala, escreveu uma carta meio desaforada à direção questionando a atitude do professor, gesto que foi considerado insubordinação e resultou em sua expulsão do colégio, dias após ter completado dezessete anos. No final daquele ano, ele voltou para Itabira portando uma carta destinada a seu pai na qual o padre-reitor dizia que ele tinha sido expulso em razão de seu comportamento inaceitável.

E, conforme confessa a Alceu Amoroso Lima:

Esse incidente influiu desastrosamente no desenvolvimento dos meus estudos. Solto em Belo Horizonte, sem guia, sem orientação, fracassei nos preparatórios. Acabei matriculando-me num curso de Farmácia, em que durante três anos eu fui o aluno sem convicção, que recebe um diploma porém nem pensa em se servir dele. (ANDRADE, 2014, p. 103-104).

A expulsão do colégio dos jesuítas significou no plano simbólico uma espécie de excomunhão da nobreza escolar e, por consequência, das elites dirigentes. No jogo oligárquico e clientelista da República Velha (1889-1930), o ingresso nessas elites, sobretudo em Minas Gerais, dependia de uma combinação de laços de família e de títulos escolares. Além do parentesco, o ingresso na faculdade de Direito e o diploma de bacharel eram um pré-requisito para entrar na elite política mineira (WIRTH, 1982). A faculdade de Direito funcionava como instância de treinamento e recrutamento de quadros para a burocracia estadual:

16 “Carlos Drummond de Andrade confessou ao ensaísta e professor português Arnaldo Saraiva que não tinha nenhuma dúvida de que ‘viria a se tornar padre se não tivesse sido expulso’” (CANÇADO, 2012, p. 68).

Os professores passavam facilmente para cargos políticos e administrativos importantes e os alunos tinham esperanças de subir rapidamente, uma vez de posse de seus certificados de bacharéis e doutores. [...] O acesso aos corredores do poder era muito mais fácil para aquele que portava o anel de rubi do advogado e reforçado pelo companheirismo dos colegas de mesmo *status*. (WIRTH, 1982, p. 139).

Não fosse a expulsão e o fracasso nos preparatórios, Drummond teria ingressado na faculdade de Direito, como praticamente todos os seus colegas de geração¹⁷. A opção pelo curso de Farmácia, de curta duração (três anos) e o único que não exigia o diploma escolar, foi a solução encontrada para não ser barrado pela oligarquia perremista que controlava a máquina governamental¹⁸.

4. Entre a rotina e a quimera: a educação sentimental do fazendeiro do ar

Saído às carreiras do colégio dos jesuítas, atordoado com o desfecho imprevisto de seu namoro com a Igreja, Drummond mudou-se no início de 1920 para Belo Horizonte, acompanhando seu pai, que, após vender a casa de Itabira, vender algumas fazendas e doar as outras aos filhos, mudara-se com a esposa e suas duas filhas para Belo Horizonte, passando a residir no bairro Floresta, nos subúrbios da capital. Segundo José Maria Cançado (2012, p. 79), o pai de Drummond “comprara vários terrenos na região e tinha se tornado praticamente um incorporador”.

Essa fase na capital mineira, que se estendeu até 1934, quando se mudara para o Rio de Janeiro, é um momento-chave da socialização de Drummond na medida em que representa sua progressiva caminhada do penumbrismo ao modernismo e seu ingresso na burocracia estadual.

Tanto quanto a expulsão do colégio, a mudança para Belo Horizonte representou um choque para o herdeiro de uma das famílias mais poderosas de Itabira. Drummond deu-se conta de que, na capital mineira, sua

17 A Homero Senna, em entrevista concedida em 1944, Drummond declara que “[...] não fosse a interrupção dos meus estudos, em Friburgo, e seria bacharel em Direito, como todo brasileiro” (SENNA, 1996, p. 2).

18 Em carta a Domingo Gonzalez Cruz, Drummond declara que, depois de concluído o curso de Farmácia, “[...] e sentindo que eu não me adaptaria à profissão, [meu pai] me propôs custear um curso de direito, que lhe parecia mais adequado ao meu temperamento” (GONZALEZ CRUZ, 2000, p. 51-52).

família não tinha o mesmo *status*, ocupando uma posição periférica na constelação das famílias governamentais do estado. Seu pai, chefe político em Itabira que desertara da política, não tinha muita influência nem prestígio social na capital. À trajetória escolar acidentada, marcada por pedras no caminho, vinha se somar o sentimento de desclassificação social, de “menos-valia”, como dizia Cyro dos Anjos, seu companheiro de geração. Tudo isso deve ter contribuído para desnortear o futuro escritor-funcionário, que fracassara nos preparatórios e se viu impedido de cursar a faculdade de Direito, como seus companheiros de geração.

Drummond teve de fazer da necessidade virtude, exorcizando o fantasma da ruína econômica e da desclassificação social por meio da objetivação dessa experiência na obra literária, em prosa ou em verso, fazendo a anamnese das experiências vividas no interior da família, nos internatos religiosos que frequentou e numa cidade que se fechava em copas para ele¹⁹.

Desprovido de capital familiar e de títulos, Drummond se viu à deriva nesses primeiros anos da década de 1920, sem rumo e sem profissão. Solto em Belo Horizonte, morando numa “casa sem raiz”, onde ele tinha um quarto só seu, Drummond, então com dezoito anos incompletos, experimentava, depois dos anos de internato, a sensação de liberdade.

Em seu depoimento a Lya Cavalcanti, em 1954, numa série de programas da Rádio do Ministério da Educação e Cultura, ele se recorda desta segunda estadia em Belo Horizonte:

Bem, ao sair do colégio às carreiras, com a sensação de quem levou uma pancada na cabeça, fui praticar em Belo Horizonte, pela primeira vez, as delícias da liberdade. Dediquei-me instintivamente ao prazer de vadear. Estudar? Pois sim. Fazia de conta, iludindo o pai severo mas

19 Em sua carta-confissão a Alceu Amoroso Lima, Drummond observa que: “Com o tempo, verifiquei que meus versos são apenas a transposição de estados íntimos quase sempre dolorosos, e hoje o que faço é só isso, apenas isso: confissão direta, ou quase, de mágoas, desvarios e desejos não realizados, reflexo dos fatos da minha vida sentimental. Quase não posso publicar esses versos porque isso equivaleria a me mostrar nu no meio da rua” (ANDRADE, 2014, p. 104). E, mais à frente, “O que me preocupa, afinal de contas, é a solução de uns certos problemas freudianos que enchem a minha vida e dos quais tenho que me libertar, sob pena de suicídio (em que tenho pensado inúmeras vezes, mas sem a necessária coragem) ou de loucura, para a qual não é difícil encontrar exemplos em minhas origens. Como vê, coloco-me inteiramente à margem da discussão sobre as diretrizes que é dado ao homem contemporâneo escolher para o seu rumo pessoal. Vou por um desvio, que é escuro e sem alegria, e não tenho certeza de chegar ao fim” (ANDRADE, 2014, p. 105-106).

generoso, que soltava a mesada. Era a forra à disciplina, às limitações, proibições e inibições do internato, magnífico e implacável. Vadiar anos e anos: programa de vida sem programa. (ANDRADE, 2003, p. 1224).

Outro aspecto relevante da trajetória de Drummond nesse período é o seu namoro e casamento com uma moça pobre, contrariando as expectativas familiares.

O casamento com Dolores é experiência dissonante no padrão de aliança matrimonial cumprido pelos colegas de classe. A decisão de esposar uma das sete filhas de um modesto guarda-civil desagradou aos pais, fez despencar os sentimentos de amor-próprio, converteu-se em haraquiri erótico e afetivo [...]. Em carta comovente a Mário de Andrade, Drummond ventila confidências doloridas, fantasias de autossabotagem, ímpetos de piedade, repulsa e impotência, resiliente à reticência familiar que não consegue descartar [...]. As dúvidas lancinantes quanto ao consórcio com a moça de condição inferior evocam os embaraços do rapaz bem-nascido, dependente da ajuda paterna, por ora destituído de renda, a braços com o temor de se diminuir. O casamento para “baixo” esticou a corda da sujeição no romance doméstico e pressagiou os riscos do precipício. (MICELI, 2022, p. 41).

O fracasso escolar, atenuado pelo diploma de farmacêutico, a ruína econômica e a perda de *status* de sua família na capital, o casamento para “baixo” e a indefinição profissional balizam a trajetória desviante de Drummond, que era “[...] o rapaz sem trunfos da confraria, depenado em bens materiais, sem resguardo de abrigo político, o capital social à mínima”, nas palavras de Sergio Miceli (2022, p. 43). Não se compreende a contento seu projeto intelectual, seu investimento autodidata em poesia, sua vida dupla ao embalo da literatura e da burocracia, sem atentar para tais constrangimentos e injunções.

Ao ingressar naquela roda de jovens bem-nascidos, herdeiros de velhos troncos mineiros, Drummond conseguiu driblar seus *handicaps* e recalques de base e firmar um calço social e existencial para seu projeto intelectual de risco, construindo uma posição de escritor-funcionário no interior do campo intelectual em formação.

Instalado na liberdade que lhe era assegurada pela mesada paterna, Drummond lança-se no espaço social da capital mineira em busca de um lugar ao sol, abraçando uma trajetória desviante em relação àquela dos seus pares de classe. Esses anos iniciais em Belo Horizonte foram seus anos de

educação sentimental, ou seja, de envelhecimento social, aprendendo, na marra, como funcionava o jogo social na capital mineira e quais eram suas possibilidades.

Esta fase de “mocidade solta”, que se estende até fins de 1926, quando ele inicia sua carreira de “inconvicto escriba oficial”, correspondeu ao período de *desatino da rapaziada* modernista de Minas, estudada por Humberto Werneck (1992). Dessa primeira geração modernista mineira, Drummond foi aquele que conseguiu desenvolver de maneira mais exitosa uma dicção autoral própria e tocar um projeto literário a salvo das injunções políticas.

Entre 1920 e 1925, Drummond investiu apaixonadamente na literatura, lendo tudo o que lhe caía nas mãos, publicando poemas, crônicas e artigos em jornais e revistas de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Vivendo da mesada paterna, empurrando com a barriga o curso de Farmácia, ele desenvolveu uma atividade literária muito mais intensa do que a dos demais companheiros da roda do Estrela, adquirindo uma bagagem literária que o levaria a ser considerado o líder do grupo modernista de Minas.

Segundo levantamento criterioso realizado por Fernando Py, entre 1920 e 1926, Drummond publicou nada menos do que 241 textos em verso e prosa em jornais e revistas de Minas e do Rio. “Além disso, ao longo da década de 1920 e antes da publicação do livro de estreia, há registro de pelo menos cinco livros de poemas projetados mas que acabaram sendo abandonados” (PY, 2002, p. 228). Trata-se de uma produção, como já sublinhou John Gledson (1981, p. 23), ainda muito colada à “estética penumbriata”, com uma dicção empostada, mas que testemunha a busca de Drummond por uma linguagem expressiva mais sensível às suas inquietudes poéticas e existenciais.

Sobre esse período de educação sentimental, há um depoimento de Emílio Moura (ano?, *apud* ANDRADE, 2012, p. 155-156) que traduz bem a impressão que Drummond provocava em seus colegas de geração:

O que é necessário acrescentar é que houve um “leader” do movimento modernista em Minas Gerais e que esse “leader” foi Drummond. Todos nós o reconhecíamos. Não quero dizer com isso que procurasse ajustar o espírito de cada um de nós às linhas essenciais de sua estética ou nos impusesse de algum modo as duas diretrizes espirituais. Nada disso. A verdade é que era o espírito criador mais ágil e o mais bem informado de todo o “grupo”.

E como nos obrigava a pensar e a desconfiar de nossa própria suficiência com a mais viva das sinceridades! Drummond sempre foi desconcertante. Conversar com ele já era, naquele tempo, uma experiência sempre nova. Nunca encontrávamos nele a reação esperada, ou o homem “da véspera”. [...] Acrescente a isso o seu conhecido espírito de humor, a coragem intelectual e a mais irredutível fidelidade a si mesmo. Terá então a “bomba” que devia ser uma personalidade literária dessa categoria em um meio mornamente pacato e reacionário como era o de Belo Horizonte daqueles dias.

Drummond foi construindo uma posição de autoridade literária em Belo Horizonte, resultado de seu investimento autodidata na literatura modernista e, após 1924, dos “toques” dados por Mário de Andrade, seu guru da Lopes Chaves, que, em suas longas cartas, apontava rumos para superação dos clichês estéticos, políticos e éticos, além de dar conselhos práticos sobre como e onde publicar, buscando assegurar a viabilidade do projeto estético de Drummond e dos demais modernistas do grupo do Estrela.

Experiência-chave da educação sentimental de Drummond, sua amizade epistolar com Mário de Andrade foi fundamental para sua conversão ao modernismo. A coragem de Mário de Andrade, ao assumir os riscos sociais envolvidos na empreitada modernista, e sua força explosiva marcaram profundamente Drummond, sua visão acerca da missão do intelectual e do papel da literatura, permitindo ao futuro escritor-funcionário encontrar um meio expressivo ajustado a todo o manancial de experiências de que era portador. Como sintetizou John Gledson (2003, p. 89), Mário “revelou o anarquista debaixo do poeta convencional e tímido que fora até 1924”.

Após seu casamento com Dolores, em 1925, e sua tentativa malograda de cuidar da fazenda que herdara do pai em Itabira, em 1926, Drummond parecia não ver saída, sentindo-se diminuído por ainda depender da mesada do pai e sem perspectivas profissionais. No desespero em que estava, chegou a escrever a Mário de Itabira dizendo ter vontade de abandonar a literatura e rasgar seu caderno de versos²⁰.

20 “É possível que a literatura naufrague. Isso não faz mal, por mais que você diga o contrário. O Brasil perdia um literato, mas não perdia um homem. E talvez eu não tenha nascido mesmo para escrever livros, e nesse caso me contentarei em ler os livros dos outros. Peça a Deus por mim, pelo meu ser, pelo futuro do meu espírito, por todas as coisas que estou na obrigação de realizar e cuja materialidade tem muito de nobre e de humano. E não me queira mal, se um dia eu te escrever que rasguei o meu caderno de versos” (ANDRADE, 2002, p. 209).

À mercê dos acontecimentos, Drummond acabou sendo salvo por um dos amigos do grupo do Estrela, Alberto Campos, irmão de Francisco Campos, que era secretário de interior de Antônio Carlos, governador de Minas Gerais entre 1926-1930. Graças ao amigo, no final de 1926, Drummond assumiu a redação do *Diário de Minas*, jornal do PRM cujo noticiário político era controlado de perto pelo governo. Unindo ao seu “[...] aguçado faro literário, outras qualidades reclamadas pelos dirigentes oligárquicos, como, por exemplo, a capacidade de trabalho e de organização, o espírito de iniciativa, a elevada produtividade” (MICELI, 2004, p. 77), Drummond logrou conciliar o trabalho burocrático ao projeto literário, transformando a redação do *Diário de Minas* no quartel-general do modernismo mineiro. Na sequência, assumiu a redação do *Minas Gerais*, jornal oficial do governo, dirigindo a parte política da campanha liberal, e, após a Revolução de 1930, na qual tomou parte na condição de “soldado intrépido e iluminado”²¹, chefiou o gabinete dos secretários Cristiano Machado e de Gustavo Capanema, que se sucederam na Secretaria do Interior.

Essa fase, que se estende de 1926 a 1934, compreende o período-chave da socialização política de Drummond e do engate de seu projeto literário. Acolhido na constelação governamental de Minas Gerais, liberado do jugo familiar graças aos amigos poderosos, ocupando postos que lhe permitiam colocar em prática as habilidades e o *habitus* corporativo adquirido no colégio dos jesuítas, Drummond, como observou Sergio Miceli (2004, p. 77):

[Teve] o senso apurado de captar as pulsões e energias desencadeadas no interior do grupo, dando-lhes uma formatação poética, ou melhor, convertendo a matéria bruta daquelas experiências, de jovens escritores, incapazes de se desgarrarem dos serviços impostos pelo trabalho político, em material expressivo de uma reinvenção da condição de escritor numa conjuntura marcada por muitas “pedras no caminho”.

21 Em 31 de outubro de 1930, menos de um mês após o desfecho da Revolução, Capanema, então chefe de gabinete de Olegário Maciel, governador de Minas, enviou a Drummond um cartão de aniversário no qual estava escrito: “Meu querido Carlos, Mando-te o meu mais afetuoso abraço não só pelo seu aniversário, mas sobretudo pela vitória da nossa revolução, que tem em você um *soldado intrépido e iluminado*” (Carta de Capanema a CDA, BH, 31 outubro 1930 – FCRB-CDA-CP, os itálicos são meus).

Conclusão

Ao longo do artigo, busquei reconstruir as experiências de socialização que, transfiguradas em chave poética, estiveram na raiz das preocupações e tendências que atravessam toda a sua obra: as injunções familiares e a vida no interior de Minas Gerais; o percurso escolar acidentado; a educação sentimental e política; a conversão ao modernismo; a dupla vida de escritor-funcionário.

Um dos aspectos para os quais procurei chamar atenção diz respeito à posição ocupada por Drummond no interior de sua configuração familiar: sua condição de caçula e o que isso significou em termos de transmissão da herança familiar. O caçula, assim como ocorre com as filhas, costuma estar menos sujeito à pressão familiar ligada à necessidade de reprodução do patrimônio e da posição da família, estando mais inclinado a seguir uma trajetória de reconversão. Drummond foi o único dentre os filhos do coronel Paula Andrade a abraçar uma carreira intelectual e um estilo de vida cidadão. Desde a infância, sentiu-se atraído pelo polo espiritual da família, polo esse personificado na figura da sua mãe e dos Drummond.

Outro momento-chave de sua socialização tem a ver com o seu percurso escolar truncado, caracterizado por interrupção dos estudos, expulsão do colégio dos jesuítas, fracasso nos exames preparatórios para a faculdade de Direito e pela escolha de um curso destituído de prestígio e para o qual Drummond não sentia a mínima vocação.

As experiências de socialização familiar e escolar reforçaram sua exclusão do mundo masculino e sua identificação com os dominados – as mulheres-funcionárias da família do mundo patriarcal de sua infância; os intelectuais e artistas subordinados estruturalmente aos donos do poder – fornecendo os insumos existenciais da lucidez resignada e da visão distanciada dos jogos sociais que mobilizavam seus companheiros de geração e de classe.

As disposições mentais e comportamentais que modelam sua maneira de ser e estar no mundo social que lhe coube viver foram colocadas à prova e calibradas durante os anos de educação sentimental na capital mineira, ao longo das décadas de 1920 e de 1930: seu “noviciado mineiro”, para usar

a expressão cunhada por Pedro Nava (1978, 2013, 2017). Sua inserção na roda de políticos e intelectuais que frequentavam a redação do *Diário de Minas* e a livraria Francisco Alves serviu de contrapeso aos seus *handicaps* sociais e escolares. A trajetória social de Drummond é incompreensível sem se levar em conta sua amizade, sua afinidade espiritual com a nova geração de políticos e intelectuais que começava a despontar na provinciana Belo Horizonte dos anos 1920: Alberto Campos, Gustavo Capanema, Mário Casassanta, Abgar Renault, Milton Campos, Emílio Moura, Pedro Nava, Aníbal Machado, Gabriel Passos, João Pinheiro Filho, entre outros.

Os autores de *Tempos de Capanema* já notaram como Capanema e Drummond pareciam se completar, como duas faces da mesma mineira moeda: como se Capanema, seguindo uma carreira política, tivesse realizado uma ambição secreta de Drummond, que o jogo/jugo perremista mantivera reprimida; ao passo que Drummond, através de sua obra literária, realizasse as pretensões intelectuais que Capanema tivera de abrir mão em nome da política (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000, p. 42).

O fato é que Drummond soube fazer da dupla vida, da posição em falso ocupada no espaço da classe dirigente, cindido entre a literatura e a prestação de serviços políticos, uma virtude, atuando a rotina burocrática como esteio e uma das correntes subterrâneas de sua produção poética.

Referências

- ANDRADE, C. D. de. **Carlos e Mário**: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade: 1924-1945. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.
- ANDRADE, C. D. de. **Prosa Seleta**: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.
- ANDRADE, C. D. de. **Confissões de Minas**: Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2011a.
- ANDRADE, C. D. de. **Encontros**. Organizado por Larissa Pinho Alves Ribeiro. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2011c.
- ANDRADE, C. D. de. **Os 25 poemas da triste alegria**: Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2012a.
- ANDRADE, C. D. de. **Carlos Drummond de Andrade**: Poesia 1930-1962: de Alguma poesia a Lição de coisas. Edição crítica preparada por Júlio Castañón Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2012b.

ANDRADE, C. D. de. **Correspondência de Carlos Drummond de Andrade & Alceu Amoroso Lima**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ANDRADE, C. D. de. **Boitempo**: Menino antigo. Posfácio de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2017a.

ANDRADE, C. D. de. **Uma forma de saudade**: páginas de diário. Organizado por Pedro Augusto Graña Drummond. São Paulo: Companhia das Letras, 2017c.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2011.

CANÇADO, J. M. **Os sapatos de Orfeu**: biografia de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Globo, 2012.

CANDIDO, A. Drummond prosador. In: CANDIDO, Antonio. **Recortes**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p.?

CARVALHO, L. M. L. **O afeto em Drummond**: da família à humanidade. Itaboraí: Editora Gráfica Dom Bosco, 2007.

DURAND, P. **Mallarmé**. Du sens des formes au sens de formalités. Paris: Seuil, 2008.

GLEDSON, J. **Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

GLEDSON, J. **Influências e impasses**: Drummond e alguns contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GUIMARÃES, J. I. D. **Entre a rotina e a quimera**: jogo literário e política na Belo Horizonte dos anos 20. 2018. 173 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

LAHIRE, B. **La Condition littéraire**. La double vie des écrivains. Paris: La Découverte; Laboratoire des sciences sociales, 2006.

LAHIRE, B. **Franz Kafka**. Éléments pour une théorie de la création littéraire. Paris: La Découverte, 2010.

LAHIRE, B. **Ce qu'ils vivent, ce qu'ils écrivent**. Mises en scène littéraires du social et expériences socialisatrices des écrivains. Paris: Éditions des Archives Contemporaines, 2011.

MICELI, S. Sociologia do modernismo mineiro. **Teoria & sociedade**, Belo Horizonte, n. esp., p. ?, 2004.

MICELI, S. 2009.

MICELI, S. **Lira mensageira**: Drummond e o grupo modernista mineiro. São Paulo: Todavia, 2022.

NAVA, P. Recado de uma geração. In: **A Revista**, edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. p. ?

NAVA, P. **Beira-mar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

NAVA, P. **Descendo a rua da Bahia**: a correspondência entre Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade. Organizado por Eliane Vasconcellos e Matildes Demetrio dos Santos. Posfácio de Humberto Werneck. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.

PY, F. **Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade**: (1918-1934). Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2002.

SCHWARTZMAN, S.; BOMENY, H. M. B.; COSTA, V. M. R. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra; Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SENNA, H. **República das Letras**: entrevistas com vinte grandes escritores brasileiros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

WERNECK, H. **O desatino da rapaziada**: jornalistas e escritores em Minas Gerais. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

WIRTH, J. D. **O fiel da balança**: Minas Gerais na Federação Brasileira, 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

WISNIK, J. M. **Maquinação do Mundo**: Drummond e a mineração. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Recebido em 01/02/2022
Aceito em 03/06/2022
Versão final em 03/06/2022

Sociogenesis of the air's farmer: interior tearing and incorporation of a literary habitus

Abstract

The present article focuses on the family, school, and professional socialization of Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) with the purpose of bringing to light the connections between the dispositions acquired in the passage through these spheres of socialization and the modulation of the poetic diction and the authorial project of this man who is considered by history and literary critics to be the greatest Brazilian modernist poet. Keywords: Minas Gerais modernism; socialization experiences; literary habitus